



Experiência: um termo chave para a Psicologia

Experience: a key term for Psychology

Mauro Martins Amatuzzi

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Brasil

Resumo

Este artigo examina o termo "experiência" a partir de sua etimologia e de seus usos em diversas línguas ocidentais atuais, com a finalidade de clarificar seu significado para a Psicologia tanto na teorização de sua prática como nas pesquisas de inspiração fenomenológica. Conclui que o termo tem um significado geral que se desdobra em duas possíveis direções: um conhecimento adquirido com a prática e a vivência emocional que é subjacente a esse conhecimento acumulado. A atenção psicológica de inspiração fenomenológica, e a pesquisa com esse mesmo enfoque, são polarizadas pelo olhar que se volta para o vivido, ou seja, para a camada mais profunda da experiência.

Palavras-chave: experiência; vivência; fenomenologia; pesquisa; atenção psicológica.

Abstract

This text examines the term "experience" from its origin and uses in diverse current Western languages, aiming at clarifying its meanings for theoretical and practical Psychology, as well as for phenomenological psychological research. It concludes that the term has a general meaning that unfolds itself in two possible directions: a practical acquired knowledge and the emotional experience that underlies to this accumulated knowledge. The phenomenological psychological attention and research are polarized by the look for the lived experience, that is, for the deepest level of personal experience.

Keywords: experience; living experience; phenomenology; research; psychological attention.

Vivemos num tempo em que não acreditamos mais facilmente em deduções ou elaborações teóricas como nos tempos do iluminismo. Em psicoterapia e mesmo em educação uma coisa é clara: o que move a pessoa não são idéias abstratas, mas a experiência vivenciada. As idéias podem abrir caminhos, mas dar passos por esses caminhos é uma questão de experiência. As idéias podem também instituir descaminhos, sabemos disso. Há, sem dúvida, um trabalho grande e às vezes árduo a se fazer no mundo das idéias. Mas ele não substitui a experiência, a vivência direta; integra-se com ela, isso sim.

Para compreendermos os processos psicológicos e sua pesquisa, o conceito de experiência parece, pois, fundamental. Nesse artigo pretendo apresentar uma exploração do conceito a partir do trabalho secular da elaboração da linguagem no laboratório da história humana. Trata-se, porém, de uma primeira aproximação. A evolução das línguas que nos são mais próximas pode nos ajudar no discernimento dos conceitos. Começamos com a etimologia da palavra.

Quem poderia imaginar que "perigo" e "pirata" fossem palavras relacionadas com "experiência"? Pois assim é. Segundo nos informa o grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss & Villar, 2001), do antigo verbo latino depoente *periri*, restou o participio passado *peritus*, que passou diretamente para o português com *perito*, *habilitado*, *experimentado*. Daí também com a preposição "ex" surge no latim



experientia, que significa *prova, ensaio, tentativa, experiência*, e no latim imperial, *experiência adquirida*. Assim o termo *experiência* pode significar tanto uma tentativa, uma prova, num sentido mais objetivo de algo que se faz, como o que resta de aprendido a partir de várias provas no decorrer da própria vida, num sentido agora mais subjetivo. Derivaram daí: *experimentum* (prova pelos fatos, comprovação) e o adjetivo *expertus* (experimentado, que deu provas de conhecimento – donde no inglês *expert*, especialista, e no português *experto* no sentido de versado, conhecedor; mas não confundir com *esperto* que tem outra origem). De *periri* (tentar, provar, empreender, experimentar), de onde saiu *experientia* (o que decorre da tentativa, do empreendimento), derivaram também *periculum* (tentativa, prova, risco, exame), o adjetivo *periculosum* (arriscado, perigoso), o verbo *periclitari* (fazer uma tentativa, arriscar, pôr em perigo), *peritus* (que sabe por experiência, perito, instruído), *imperitia* (imperícia, ignorância). Daí derivaram em português: experiência, perigo, perigoso, periclitante, perito, perícia. Ainda segundo Houaiss e Villar (2001) todas essas palavras se relacionam com o grego *peira* (prova, tentativa), o verbo *peiráo* (tentar, empreender), *peiratés* (aquele que tenta um golpe, bandido, pirata), *empeiria* (experiência, e, como importação direta feita pela filosofia, “empíria”, conjunto de dados conhecidos não pelo raciocínio lógico, mas pela experiência sensorial) e *empeirikós* (que se dirige segundo a experiência) (ver também o clássico Ernout & Meillet, 1967).

Como se vê, o termo *experiência*, pela sua origem, significa o que foi retirado (*ex*) de uma prova ou provação (*-perientia*); um conhecimento adquirido no mundo da empiria, isto é, em contato sensorial com a realidade. Experiência relaciona-se com o que se vê, com o que se toca ou sente, mais do que com o pensamento. O que se deduz a partir do que se vê não é propriamente “experiential”, mas pensado. Conhecimento *experiential* é o diretamente produzido pelo contato com o real.

Existe um modo de conceituar a experiência que faz dela quase um fato objetivo. Rogers, por exemplo, a define como o que se passa no organismo e pode ser conscientizado ou percebido de forma imediata (ver, por exemplo, Rogers & Kinget, 1975). É uma conceituação psicológica: delimita um campo sobre o qual pode incidir a consideração do psicólogo (como exercer cientificamente essa consideração, essa é uma questão que não quero tratar agora). Esse modo de conceituar corresponde à última das concepções listadas por Ferrater Mora (2004) no verbete “experiência” de seu Dicionário de Filosofia: a experiência é vista como *um fato interno*. Segundo essa concepção, na conceituação de Rogers, são os símbolos da consciência que expressam a experiência. Eles podem fazer isso adequadamente ou de modo distorcido. Mas também pode não haver simbolização alguma: nesse caso falamos então de inconsciente, na acepção comum desse termo (algo que é da ordem da consciência, mas não foi simbolizado; algo que aconteceu ou está acontecendo no campo psíquico, mas do qual não me dou conta por qualquer motivo). Poderíamos então falar de “experiência inconsciente” (se é que pode ser válida a junção desses dois termos) como algo que se passa no âmbito da consciência (é psíquico), mas não está simbolizado adequadamente (não é consciente). E poderíamos falar também da experiência em si mesma considerada, independentemente de sua expressão pelos símbolos da consciência, e portanto como algo anterior a qualquer simbolização.

Mas existe um conceito mais intencional (ou relacional) de experiência, como, por exemplo, o utilizado por Barbotin (2004): experiência é *contato com o real*. Essa maneira de conceituar corresponde à primeira listada por Ferrater Mora (2004): *a apreensão de uma realidade*. Nesse sentido a experiência é um fato originário, que fundamenta todo saber e toda ação (mesmo que não todo comportamento). É nesse sentido também que a idéia de experiência é usada por Martin Buber quando ele fala da experiência religiosa (Buber, 1984). Dentro dessa maneira de conceituar devemos dizer que a experiência produz significados. Esses significados são uma via de acesso ao real, neste sentido que lidar com eles permite ao ser humano a ampliação das possibilidades e da complexidade da ação, situando-a num patamar qualitativo de outra ordem em relação ao simples comportamento. Mas esse acesso ao real pelos significados expressos é sempre limitado: há sempre mais na experiência vivida do que no significado que dela construímos. Por



mais importante que seja o significado, ele não contém a totalidade do real. E podemos dizer mais: a construção desses significados é influenciada por estruturas cognitivas objetivas (como aquelas decorrentes das leis estruturais que a psicologia da gestalt formulou), mas também pela história individual (os significados que formam o contexto para esse novo que se constrói e que decorrem da história de vida da pessoa) e pelas possibilidades inerentes aos modelos culturais (significados disponíveis na cultura, e que se manifestam, por exemplo, nas possibilidades do idioma).

Na primeira conceituação a experiência é um fato que, embora seja psicológico ou interno ao sujeito, é objetivo (passível de consideração objetiva). Na segunda, não é propriamente um fato, mas uma relação, e o acesso a essa relação enquanto tal pressupõe uma reflexão do sujeito. Ela, em si mesma, é diretamente vivenciada como contato.

Tanto o conceito objetivo (um fato interno) como o intencional (a apreensão da realidade) cabe na palavra "experiência" em nossa língua. E a palavra "vivência" não teria tanta importância se não fosse a fenomenologia; mas antes de entendermos isso é necessário considerarmos a língua germânica.

Em alemão existem ao menos duas palavras para "experiência": *Erfahrung* e *Erlebnis* (em alemão os substantivos são grafados sempre com letra maiúscula). A primeira tem mais a ver com experiência adquirida, aprendizagem pela prática, conhecimento adquirido na vida (e não nos livros). O verbo *erfahren* significa aprender, vir a saber, descobrir, experimentar; e *fahren* significa viajar, ir (no sentido de ir com alguma condução), e por isso também dirigir um carro ou bicicleta, ou mesmo subir ou descer de elevador (ver, por exemplo, Keller, 2002). *Erfahrung* tem a ver, portanto, com conhecimento adquirido na prática da vida ou na vivência de determinados acontecimentos. Quando em português dizemos que alguém é muito "viajado" (com a conotação de ser uma pessoa experiente), isso poderia ser dito em alemão com a palavra *Erfahrung*. – Já *Erlebnis* tem uma conotação mais ligada à emoção sentida diante de um acontecimento concreto. Para dizer "aquela foi uma experiência incrível", a palavra mais correta a ser usada seria *Erlebnis* e não *Erfahrung*. Por isso *Erlebnis* significa mais "vivência" do que aprendizagem; tem mais o sentido de experiência vivida do que de experiência adquirida; mais o sentido de presenciar do que de aprender. O substantivo *Leben* significa vida, e o verbo *erleben* significa vivenciar, passar por, presenciar (Keller, 2002). *Erfahrung* seria mais o aprendido, enquanto *Erlebnis*, o vivido. O primeiro termo implica numa ênfase no cognitivo acumulado enquanto o segundo no emocional momentâneo.

Passar por uma vivência (*Erlebnis*) é sentir o impacto de um encontro; é algo imediato e anterior às elaborações mentais que poderiam ser feitas depois. Por isso o termo se tornou importante na fenomenologia. Ele expressa o que nos é dado de forma imediata, o que experienciamos, antes mesmo de termos refletido ou elaborado qualquer conceito mais preciso. O conjunto dessa experiência que assim nos é dada é o que Husserl chamou de *Lebenswelt* (o mundo da vida, o mundo vivido) (por exemplo: Husserl, 2004). Esse mundo vivido não é uma teoria, mas, diríamos nós psicólogos, é o referencial vivido para a elaboração de qualquer teoria significativa.

Ocorre que nem em espanhol nem em italiano havia um termo que correspondesse exatamente a *Erlebnis*. Temos *esperienza*, *pratica*, *conoscenza*, *prova*, em italiano para traduzir "experiência" (com ênfase no cognitivo, correspondendo então a *Erfahrung*); e expressões compostas ou circunlóquias para traduzir o *Erlebnis*, como aliás reconhece a filósofa Ales Bello (2004, 2006) felicitando o termo "vivência" do idioma português. Em espanhol temos *experiencia* (aprendizagem pela prática, pelo viver) que corresponde a *Erfahrung* (experiência adquirida); e, se não fosse Ortega y Gasset não teríamos nada para *Erlebnis* assim como em italiano. Foi esse filósofo (Ortega y Gasset, 2002, por exemplo) que introduziu em espanhol o termo *vivencia* para traduzir o alemão *Erlebnis*, como nos informa o dicionário da Real Academia Española (1992). *Vivencia* significa o fato de viver ou experimentar algo, e seu conteúdo (portanto entendido dentro de uma perspectiva de intencionalidade). Ferrater Mora, no verbete "Vivência" de seu Dicionário de Filosofia, transcreve a frase de Ortega em que ele introduz o termo em espanhol.



Nessa frase Ortega y Gasset afirma que o verbo "viver", em expressões como "viver a vida" ou "viver as coisas", adquire um sentido especial: permanecendo depoente, ele admite um objeto e significa então "o gênero de relação imediata em que entra ou pode entrar o sujeito com certas objetividades". Ortega se pergunta então como poderíamos denominar "a cada atualização desta relação". E responde: "Não encontro outra palavra senão 'vivência'. Tudo aquilo que chega com tal imediatez a meu eu que passa a fazer parte dele é uma vivência" (citado por Ferrater Mora, 2004, p. 3035).

Tampouco em francês existe o equivalente a vivência. Existe *expérience*, também com o sentido de conhecimento adquirido na prática, e existe o verbo *vivre*, é claro (como em italiano *vivere*, e em espanhol *vivir*) com seu particípio passado *vécu* (vivido) que pode ajudar na formação de expressões compostas. E existe o verbo *sentir* (sentir) com os correspondentes *sentir* (sentido, particípio passado de sentir, mas que pode ser também substantivado) e *sens* (senso ou sentido). Todos esses termos (*expérience*, *vécu*, *sentir*, *sens* etc) também podem ser usados, no francês, em expressões compostas para expressar o que o *Erlebnis* quer dizer em alemão.

Boa parte da fenomenologia consiste em descrever esse vivido como ato do sujeito, diferente do conteúdo elaborado de conhecimentos acumulados a partir da prática da vida. Algumas frases de Merleau-Ponty o ilustram. *C'est quand les objets me donnent l'impression originnaire du "sentir", quand ils ont cette manière directe de m'attaquer, que je les dis existants* (É quando os objetos me dão a impressão originária de "algo sentido", quando eles têm essa maneira direta de me atacar, que eu os digo existentes) (Merleau-Ponty, 1972, p.228). Aqui é a palavra "sentido" (não como substantivo, mas como particípio passado do verbo sentir – o que foi sentido) que ajuda Merleau-Ponty a descrever o vivido como algo diferente da posse de conhecimentos acumulados a partir da prática. Esse vivido não é um significado ou uma idéia, acrescenta ele, embora possa apoiar posteriormente atos de expressão verbal com significado (*signification*). Mas esses atos, continua dizendo, visam um "texto originário" que não pode estar desprovido de sentido (*sens*). No sumário final do livro ele assim resume suas idéias: *"Il faut distinguer la conscience comme lieu des signification et la conscience comme flux du vécu"* (É necessário distinguir a consciência como lugar de significações, da consciência como fluxo do vivido) (Merleau-Ponty, 1972, p.248). Podemos aproximar essa distinção de Merleau-Ponty aos dois sentidos do termo experiência: significações acumuladas ou conhecimento adquirido, por um lado (*Erfahrung*), e fluxo do vivido ou vivência, por outro (*Erlebnis*).

Podemos também aproximar esses dois sentidos de experiência aos dois outros anteriormente mencionados. A experiência acumulada equivale à experiência como fato interno, e a vivência (emocional) equivale a experiência intencional pois nos faz afirmar a existência. Mas essa aproximação não pode ser total, não é uma equivalência. A experiência como fato interno de que fala Rogers, por exemplo, não se identifica necessariamente com conteúdos produzidos resultantes da aprendizagem pela prática (e portanto significando conhecimentos e implicando em conservação na memória), pois inclui também um lado emocional de contato com a realidade, que lhe dá um sentido que aponta para fora de si mesma como sentimento. E a experiência intencional (o vivido de Merleau-Ponty) tem um sentido e, portanto, pode ser expresso em conteúdos de significado. Uma coisa parece certa: o que pode ser claro em alemão, não parece nada claro nos idiomas latinos. Isso não é necessariamente ruim, pois pode provocar elaborações descritivas mais avançadas no sentido dos fenômenos.

O que devemos reter por enquanto é que a vivência pode ser expressa nas línguas latinas também pelo termo experiência. Veremos depois que às vezes será bom acrescentar algum adjetivo para evitar confusões dependendo do contexto.

Uma outra diferenciação que se introduz nos termos derivados de *ex-periri* é a que existe entre experimento e experiência. Este último serve também para se referir a experimento quando, por exemplo, falamos em uma experiência científica. Contudo, nesse contexto, é o termo experimento que parece mais apropriado (Houaiss; Villar, 2001, o método científico aparece mais associado a experimento do que a experiência), e esse fato não deixa de ser sugestivo. "Experimento" alude a eventos artificialmente



provocados (em laboratório), com controle de influências (variáveis), visando a verificação ou comprovação de hipóteses ou leis físicas ou associadas ao mundo físico através de sua verificabilidade de tipo sensorial (mesmo que seja por instrumentos, e portanto em sentido alargado). Um estudo de correlação, baseado em levantamentos estatisticamente controlados, mas sem manipulação direta ou intencional do meio e sim apenas observando o que se passa no ambiente natural, ainda poderia ser denominado de experimento? Provavelmente sim, mas já num uso um tanto derivado do termo, ou por extensão: na verdade esse estudo não introduz modificações no ambiente, mas apenas mede as mudanças que espontaneamente ocorrem (e poderia, por isso, ser chamado de quase-experimental). Poderíamos dizer: existe um uso "duro" do termo experimento (próprio das ciências físicas), e existem usos mais maleáveis. Tudo isso pressupõe uma visão de ciência, e, por trás, uma visão de mundo real.

Já o termo experiência, embora possa ser usado também para se referir aos procedimentos do método científico (duro), em si mesmo conota aspectos subjetivos e, quando usado na oposição a experimento, refere-se mais a esses aspectos. "Experimento" tem um sentido objetivo de algo que se faz externamente; e "experiência", um sentido subjetivo de algo que se passa na interioridade do sujeito. Nesse contexto semântico, as ciências humanas lidam muito mais com a experiência subjetiva das pessoas ou de coletividades do que com fatos externos diretamente mensuráveis, e isso as obriga a repensar sua epistemologia e seus métodos. Aprender com experimentos é uma coisa, e aprender com a experiência é outra. A fenomenologia aqui se separa das ciências naturais convencionais.

Resta-nos considerar essa espécie de coíné atual que é o inglês. Temos aqui *experience* (experiência) tanto no sentido de ter experiência em alguma coisa, conhecimento adquirido com a prática (relacionando-se, portanto, com o alemão *Erfahrung*), como no sentido de ter uma terrível experiência (conotando o lado emocional, único, o impacto de um contato, relacionando-se com o *Erlebnis* alemão). E esse termo pode ser também um verbo: *to experience* (experimentar). Onde o adjetivo *experienced*, relativo a uma pessoa que obteve conhecimentos ou habilidades a partir da experiência. E temos também *experiment*, usado seja como substantivo (experimento, ao modo científico) seja como verbo (experimentar, fazer um experimento). Nesses aspectos é semelhante ao português.

Em inglês, porém, a forma do gerúndio (em geral terminada em *ing*) tem um uso bem mais amplo que nas línguas latinas em geral, podendo mesmo ser visto como um substantivo ou um advérbio. No caso: *experiencing*. Talvez tenha sido Gendlin que fez desse vocábulo um termo técnico para a psicologia. Segundo ele existe uma diferença entre *experience* e *experiencing* (ver, por exemplo, Gendlin, 1962; o próprio título dessa obra é um exemplo do que estamos considerando: *Experiencing and the creation of meaning* – experienciação e a criação do significado; dois gerúndios usados como substantivos). Os termos, *experience* e *experiencing*, foram traduzidos em português como "experiência" e "experienciação" (este ainda um neologismo) respectivamente. *Experience* é um fato subjetivo para o qual, segundo Gendlin, não há propriamente um referencial empírico (daí a dificuldade das ciências humanas); enquanto *experiencing* (experienciação) pode ter um referencial empírico, isto é, pode ser detectado e designado pelo próprio sujeito que o vivencia, em seu corpo, como uma sensação inicialmente vaga e confusa, mas localizada e que teria implícita em si uma intencionalidade. A capacidade de detectar o que está sendo experienciado corporalmente pode ser desenvolvida através de um processo sistemático por ele chamado de *focusing*, focalização. Experienciação, portanto, para Gendlin, é mais concreto do que experiência: experiência seria um construto, um conceito, e experienciação é que seria aquilo que é designado por esse conceito, ou seja, a vivência mesma.

Com que outras palavras a vivência poderia ser designada em inglês? *Experiencing* é quase um termo técnico. De maneira mais comum: *living* (vivência) ou *lived experience* (experiência vivida). Eis, por exemplo, uma frase de Shapiro (1985, p.12): "*The guiding ideal of a phenomenological method is to develop a description of a given experience*



while remaining faithful to the appearance of that experience as it is in the living of it" (A orientação ideal do método fenomenológico é desenvolver a descrição de uma dada experiência mantendo fidedignidade à sua aparência tal como ela é em sua vivência – ou, numa tradução mais livre: o ideal do método fenomenológico é a descrição de uma dada experiência de modo fidedigno a ela tal como se mostra quando vivenciada). E logo adiante, uma outra frase: *"The lived moment or lived experience is the plenum of meanings in any moment of experience prior to their explication"* (o momento vivido ou a experiência vivida é a totalidade de significados de cada momento de experiência, anterior à sua explicação – ou: anterior ao seu desdobramento simbólico).

No esforço de se aproximar da vivência enquanto evento detectável concreto, Gendlin (1962) usa também expressões como *felt meaning* (significado sentido) e *felt sense* (sentido sentido). O termo *meaning* na primeira expressão tem a vantagem de conotar intencionalidade (o que aproximaria da vivência), mas a desvantagem de conotar, para a língua portuguesa, o significado construído como conceito (o que a distanciaria da vivência). E a tradução do *felt sense* fica estranha em português porque nos obriga a repetir a palavra sentido, o que não acontece em inglês.

Gostaria de finalizar esse passeio vocabular com algumas sugestões sobre o uso dos termos da família semântica da "experiência" tanto na prática do psicólogo como na pesquisa.

Esses termos apontam para um foco do olhar, ou se quisermos um foco da escuta psicológica, ou ainda um foco da atenção psicológica. Uma coisa é enfocar os comportamentos tentando estabelecer uma rede de causas e efeitos. Outra coisa é enfocar o mundo vivido pela pessoa (no contexto da comunicação). Na primeira alternativa o psicólogo entra como técnico ou perito. Na segunda ele entra como um companheiro de buscas que antes de mais nada precisa compreender como as coisas se apresentam para a pessoa. Dentro de uma abordagem humanista uma procura das causas pode até acontecer, mas só será válida enquanto estiver inserida num contexto de encontro e busca conjunta.

Encarando essa diferença por outro aspecto: uma coisa é enfocar os mecanismos individuais ou coletivos subjacentes ao que está sendo problemático para a pessoa; e outra coisa é enfocar diretamente os desafios que se colocam para a pessoa no horizonte que para ela se apresenta, sem as restrições impostas pelos modelos interpretativos (do psicólogo, da própria pessoa ou da cultura ambiente).

E ainda sob outro aspecto: uma coisa é olhar o problema da pessoa; e outra bem diferente é olhar a pessoa que se encontra ali e faz uma tentativa (bem ou mal sucedida) de comunicação (e às vezes de apelo urgente). A segunda postura só é possível dentro de um pressuposto bem diferente da primeira. Em termos genéricos, temos, de um lado, uma relação sujeito-objeto, e, de outro, uma relação sujeito-sujeito. Na segunda relação o sujeito se redefine totalmente, pois agora ele não está diante de um objeto manipulável, mas diante de outro sujeito que pode ampliar seus horizontes no contexto da comunicação.

Pois bem, o que aparece aqui como a segunda postura, nas três comparações, corresponde a um olhar para a *experiência*: como as coisas são para os agentes envolvidos na situação. Esse olhar conjunto, desde que não limitado pelos esquemas interpretativos, pode desencadear o fluxo criativo do viver e é isso o que importa. Podemos, no entanto, aprofundar o foco desse olhar (a experiência no sentido genérico do termo) considerando os possíveis focos da pesquisa do humano (a experiência no sentido mais profundo de vivência).

Num sentido mais específico o significado da palavra *experiência* se desdobra, e num primeiro momento se refere ao conhecimento adquirido na prática. Sendo isso um "acumulado", sua origem está no passado. A experiência aqui implica em memória. Mas se pensarmos justamente na origem desse processo, veremos que se trata de um vivido. O que está na origem da experiência adquirida não é um livro, mas são vivências. Essas vivências foram produzindo em nós um conhecimento tácito que foi crescendo e se firmando a partir de alguma forma de inscrição na consciência.



O que importa na pesquisa de orientação fenomenológica é ir além do sedimentado como conhecimento já possuído (e guardado na memória), e buscar aquela origem anterior às explicações, para, a partir dela, reconstruir os significados tendo a indagação do pesquisador como instigação. Ou, usando uma metáfora: tendo a indagação do pesquisador como anzol. É Clarice Lispector (1985) que diz que a palavra serve para pescar o que não é palavra. Mas o que é isso que não é palavra (mas que a palavra pesca)? É a vivência anterior às formulações elaboradas; é a experiência, sem dúvida, mas agora num sentido mais profundo.

Essa realidade psicológica intencional mais profunda (anterior às formulações e elaborações conceituais) pode ser chamada de experiência também. Mas para não ficarmos no sentido genérico ou cognitivo de experiência, proponho que a denominemos nesse caso de *vivência*. Ou então acrescentemos um adjetivo à palavra experiência, e falemos de *experiência imediata*, *experiência vivida*, *experiência vivencial* ou mesmo *experiência emocional*. Essa experiência vivida pode estar no passado, mas temos a possibilidade de nos referirmos a ela não apenas consultando uma memória já pronta, mas, de certa forma, reeditando a vivência (e nesse caso a expressão mais adequada seria *experiência vivencial*). Essa reedição será tanto mais viva quanto mais o entrevistador souber conduzir uma busca experiencial, ou uma modalidade experiencial da reflexão (do próprio pesquisador ou de uma outra pessoa). Quando assim presentificada essa reflexão, poderemos falar de *significado sentido*, ou de *sentido sentido*, ou mesmo de *sentido experiencial presente*; e se colocamos esse sentido na corrente existencial (em transformação), poderemos falar de *fluxo experiencial*. A arte de chegar aí é certamente um desafio ao psicólogo e ao pesquisador, pois implica em chegar a esse vivido sem se deixar enganar pelas construções já existentes no sujeito, em si próprio, ou na cultura ambiente, (pois essas construções foram feitas a partir de outras perguntas), e, no entanto, chegar lá passando por essas construções.

Referências bibliográficas

- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: Psicologia, história e religião* (M. Mahfoud & M. Massimi, Trads.). Bauru, SP: EDUSC. (Original publicado em XX).
- Ales Bello, A. (2006). *Introdução à fenomenologia* (I. J. Turolo Garcia & M. Mahfoud, Trads.). Bauru, SP: EDUSC.
- Barbotin, E. (2004). Experiência. Em J-Y Lacoste (Ed.), *Dicionário crítico de teologia* (P. Meneses, Trad.). São Paulo: Paulinas, Loyola. (Original publicado em 1998).
- Buber, M. (1984). *Eclipse de Dios: Estudios sobre las relaciones entre religión y filosofía* (L. Fabricant, Trad.). Buenos Aires: Ed. Nueva Visión. (Original publicado em 1952).
- Ernout, A., & Meillet, A. (1967). *Dictionnaire étymologique de la langue latine: Histoire des mots*. 4a. ed. Paris: Libr. Klincksieck. (Original publicado em 1959).
- Gendlin, E. (1962). *Experiencing and the creation of meaning*. New York: Free Press of Glencoe.
- Ferrater Mora, J. (2004). *Dicionário de Filosofia* (M. S. Gonçalves; A. U. Sobral; M. Bagno; N. N. Campanário, Trad.). São Paulo: Loyola. 4v. (Original publicado em 1994).
- Houaiss, A. & Villar, M. de S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.



- Husserl, E. (2004). *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale* (G. Granel, Trad.). France: Gallimard. (Original publicado em 1992).
- Keller, A. J. (2002). *Michaelis: Dicionário escolar alemão: Alemão-português, português-alemão*. São Paulo: Melhoramentos.
- Lispector, C. (1985). *Para não esquecer*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Merleau-Ponty, M. (1972). *La structure du comportement*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Ortega Y Gasset, J. (2002). *El tema de nuestro tiempo*. Madrid: Tecnos.
- Real Academia Española (1992). *Diccionario de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.
- Rogers, C. & Kinget, M. (1975). *Psicoterapia e relações humanas* (M. L. Bizzotto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1962)
- Shapiro, K. J. (1985). *Bodily Reflexive Modes: A phenomenological method for psychology*. Durham: Duke University Press.

Nota sobre o autor

Mauro Martins Amatuzzi trabalha atualmente como docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil. É psicólogo e doutor em Educação. *Contato*: R. Luverci Pereira de Sousa 1656 / Cidade Universitária / 13083-730 Campinas – SP / Brasil. *E-mail*: amatuzzi2m@yahoo.com.br

Data de recebimento: 07/02/2007
Data de aceite: 30/12/2007